

CPI: quem perde e quem ganha

GAUDÊNCIO TORQUATO

* 1 NOV 1993

A batalha da CPI do Orçamento terá mais perdedores do que ganhadores. O PMDB sai baleado, o PPR, de Maluf, sai machucado, o PFL sai atingido, e até o PSB, de Arraes, sai arranhado. Seja qual for o cenário dos resultados da CPI, aparece um grande vencedor: Lula. Da CPI, poderá emergir o mais novo nome da lista de presidencialistas: Jarbas Passarinho. Fernando Henrique poderá aproveitar o momento de um Congresso enfraquecido para desfechar sua última e decisiva estocada: um plano capaz de reverter a tendência altista da inflação.

A CPI poderá convergir para os seguintes cenários: a) cassação de todos os envolvidos com propinas e punição às empreiteiras denunciadas. Nesse caso, o Congresso veria sua imagem parcialmente fortalecida e o País voltaria a acreditar na instituição política. Passarinho, na qualidade do comandante da Operação Mãos Limpas, surgiria como forte candidato, ele que circula bem em todas as áreas; b) a cassação do dep. João Alves, como "bode expiatório". Este cenário abrigaria uma ampla e generalizada crítica aos congressistas, com funestas consequências sobre o processo político e c) nenhuma cassação ou protelação, por tempo indefinido, da questão. Esta alternativa implicaria na mobilização da sociedade, pelas entidades organizadas, não se descartando a possibilidade de antecipação das eleições gerais.

Em todos esses cenários, Lula

será o grande beneficiado. Poderá até sugerir que o número de picaretas por ele anunciado, há semanas, já estaria defasado. O episódio terá influências decisivas nas sucessões estaduais. Em São Paulo, por exemplo, o PMDB terá dificuldades para escolher seu candidato. Quéricia, que vinha se recuperando, vê seus aliados, os deputados Genebaldo Correa, líder do PMDB, e Manoel Moreira, mergulhados na maré de denúncias. Fleury foi no-cauteado pelo episódio da compra de deputados pelo esquema do PSD. Na Bahia, os interesses de Genebaldo Correa se encolhem, alterando a campanha de 94. O deputado Ricardo Fiúza, do PFL pernambucano, poderá até não levar para o partido a maldição que cairá sobre ele. No Maranhão, o envolvimento do ministro Alexandre Costa, e do governador Lobão poderá manchar a moldura da família Sarney, de quem são próximos, e afetar a candidatura da deputada Roseane.

No Piauí, a degola poderá pegar o líder do PPR, José Luiz Maia, com efeitos indiretos sobre a imagem de Maluf. Antonio Carlos Magalhães, velho denunciador de falcaturas, será beneficiado, apesar dos abalos sobre seu PFL. No Ceará, a família Benevides baixará o patamar da incolumidade em que se abrigava. Na Paraíba, o candidato a governador Humberto Lucena, atingido em cheio, abriu campo para a candidatura da deputada Lúcia Braga, do PDT. Joaquim Roriz, do

Distrito Federal, deu chumbo à oposição (Sigmaringa Seixas, do PSDB) e começa a ter problemas com seu candidato, Pedro Teixeira, mal situado nas pesquisas.

Os paradoxos se encontram. Se Lula sai vitorioso, do fundo do poço, Collor se levanta para abrir um longo sorriso e dar um passeio de um milhão de votos para deputado federal em São Paulo. Isso, claro, se passar pelo teste de aprovação no STF. Fernando Henrique Cardoso, que vive seu inferno astral, poderá sair dele, atirando sobre a mesa de parlamentares acabrunhados um plano duro para fazer a travessia do começo do ano. Caso der certo, engata a segunda e viviliza sua condição de candidato contra os extremos malufistas e lulistas.

Se as coisas não evoluírem no ritmo e intensidade desejadas pela opinião pública, a campanha geral poderá ganhar as ruas, com velhinhos aposentados e matronas compenetradas, fazendo a vez dos caras-pintadas. Lula, qual Cavaleiro do Apocalipse, fará o discurso da "virada de mesa". Os restantes procurarão se agarrar os velhos temas ou aos ganchos de ocasião, af embutidos os discursos do obreirismo ou os batidos refrões da honestidade. Só que o País, a esta altura está vacinado e saturado. Contra os Collors salvadores da pátria, os Jânios pendurados em vassouras, os clones juscelinistas e os Quixotes dos Pampas.

■ Gaudêncio Torquato é jornalista, professor da USP e analista político